

Além do medo: a construção de imagens sobre a revolução haitiana no Brasil escravista (1791 – 1840)

Washington Santos Nascimento

Mestrando em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), coordenador do grupo de pesquisa “Grupo de Estudos e Pesquisas em História da África e da América Negra” ligado ao Museu Pedagógico – UESB/BA e Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB/BA).
E-mail: washington_docencia@yahoo.com.br.

Resumo. Este artigo tem por propósito estabelecer uma discussão sobre as imagens e as representações da revolução haitiana, no período de 1791 a 1840, entre letrados brasileiros e viajantes que passaram por aqui. Pretende mostrar como tais indivíduos construíram um imaginário sobre o perigo a que estava submetido o sistema escravista colonial brasileiro e, mais particularmente, as lições aprendidas com a revolução ocorrida em São Domingos.

Palavras-chave: Revolução haitiana. Medo. Viajantes. Letrados. Brasil escravista.

Abstract. This article has for purpose to do a discussion relative to images and representations of the Haitian revolution among the Brazilian scholars and travelers that passed for here from 1791 to 1840. He intends to show through these texts as such individuals built an imaginary relative to the dangers the one that they were submitted the system Brazilian colonial slaves and more particularly the lessons (negatives and positive) they be learned her /it with the revolution happened in São Domingos.

Keywords: Haitian revolution. Fear. Travelers. Scholars. Brazilian colonial slaves.

De todos os territórios ocupados pela França nenhum alcançou tanta prosperidade quanto a ilha de São Domingos (atual Haiti), que era um dos maiores produtores mundiais de açúcar e café e contava com uma população majoritariamente composta por escravos e negros¹. A rebelião ocorrida na parte oeste da ilha foi a única feita por africanos (e seus descendentes) na história americana² que culminou em uma revolução, destruiu o sistema escravista de plantação e transformou o Haiti no primeiro país fundado por ex-escravos e seus descendentes fora da África. Os seus impactos foram múltiplos: influiu sobre os preços do açúcar e gerou um grande medo de que uma insurreição daquela escala acontecesse em outros lugares da América escravista. Este medo “marcou o edifício da euro-modernidade de forma muito mais profunda do que se tem reconhecido” (GILROY, 2001, p. 11).

Essa insurreição teve início durante a revolução francesa, quando, devido aos acontecimentos na metrópole, a ilha ganha uma maior autonomia e representatividade no parlamento levando a um crescimento das disputas internas entre brancos e mulatos e ao nascimento de uma série de levantes da população escrava em 1791³. De uma rebelião, transforma-se em uma revolução, na qual se envolvem, direta ou indiretamente, a França, a Espanha e a Inglaterra. O resultado é que, sob a liderança de Toussaint L'Ouverture, os negros e ex-escravos conseguem governar a ilha, mas continuam sob a tutela da França. Com Jacques Dessalines, no ano de 1804, o Haiti separa-se definitivamente dos franceses e sua independência é proclamada⁴. O restante da ilha continuou dominado pelos espanhóis e hoje corresponde ao território da República Dominicana.

De maneira geral, a revolução haitiana mostrou aos senhores de escravos da América que guerras civis internas ou mesmo guerras de independência contra o poder metropolitano levariam à destruição dos regimes coloniais e/ou escravistas que elas tanto buscavam proteger. “Haitianismo” foi o termo criado

pela historiografia após o fim do conflito, para tentar definir uma suposta convergência de ideias relativos a esta revolução, que teria influenciado a ação política dos negros, mulatos, escravos e negros livres em todo o mundo atlântico⁵. A revolução haitiana também trouxe um endurecimento das leis escravistas e dos mecanismos coercitivos, além de uma atitude menos tolerante para com homens livres de cor⁶. Para uma parcela dos escravos, mostrou que era possível construir um movimento de libertação que os levasse a tomada o poder⁷.

O Haiti também se transformou em um exemplo de revolução anticolonialista bem sucedida e contribuiu para a emancipação das colônias espanholas. Simón Bolívar se refugiou no Haiti no início do século XIX, onde recebeu ajuda de Pétion, governador da parte sul da ilha; Francisco de Miranda, um dos líderes da independência venezuelana, esteve na ilha em 20 de fevereiro de 1806; o governo haitiano também colaborou com os irmãos Miguel y Fernando Carabaño, que organizaram uma expedição de 150 homens contra Cartagena, Colômbia; os mexicanos Toledo y Herrera contaram com a ajuda do corsário haitiano Bellegarde no ataque a Tampico e Veracruz; outro mexicano, Francisco Javier Mina, também esteve no Haiti preparando uma invasão ao México colonial, quando foi acompanhado por vários marinheiros haitianos. Com esses exemplos, pode-se inegavelmente atestar como a revolução haitiana contribuiu para a emancipação das colônias espanholas e como foi bem-vista pelos rebeldes anticolonialistas⁸.

Mesmo assim, o Haiti não era exemplo a ser seguido pelas nações recém-independentes da América: aqueles que tinham recebido ajuda dos haitianos deixaram a ilha isolada, pois ela inspirava mais medo do que admiração pelas “novas” classes que haviam conquistado o poder político⁹.

No Brasil, o grande medo da revolução de São Domingos, somado à emergência do movimento abolicionista, trouxe grande temor para a elite senhorial.

Ora, perguntavam-se alguns assustados grandes homens que viviam no Brasil de então, se em São Domingos os negros finalmente conseguiram o que sempre estiveram tentando fazer, isto é, subverter a ordem e acabar de vez com a tranqüilidade dos ricos proprietários, por que não se repetiria o mesmo aqui? Garantias de que o Brasil seria diferente de outros países escravistas, uma espécie de país abençoado por Deus, não havia nenhuma (AZEVEDO, 2004, p. 29).

A revolução haitiana nunca esteve tão próxima da classe senhorial escravista brasileira. Menos de um ano depois de proclamada a independência da ilha, no Rio de Janeiro soldados negros usavam medalhões com o rosto de Dessalines. Em 1814, após uma sublevação escrava em Salvador, os comerciantes denunciavam que os cativos falavam abertamente sobre o Haiti e gritavam pelas ruas de Salvador: “Liberdade! Viva os negros e seu rei!” e “Morte aos brancos e mulatos”, numa clara alusão à revolução haitiana (GOMES; LIBANEO, 2002, p. 136-137).

Em 1824, na vila de Laranjeiras, no atual Estado de Sergipe, onde havia uma grande colônia de portugueses, um grupo de anticolonialistas liderado pelo rábula Antônio Pereira dos Santos pregou nas portas das casas um cartaz com a seguinte inscrição: “Morrão os marotos e Caiados” (morrão portugueses e brancos). Além da colagem dos cartazes, foi organizado, na casa de Antônio, um jantar em que foram feitos elogios ao “rei do Haiti” e a “São Domingos, a grande São Domingos”, o que atemorizou as autoridades locais. É o que podemos perceber na carta enviada ao governador das armas:

Senhor Governador das Armas. ALERTA. Uma pequena faísca faz um grande incêndio. O Incêndio já foi lavado. No jantar que deram nas Laranjeiras os ‘Mata Caiados’ se fizeram três saúdes: primeiros a extinção de tudo quanto é do reino, [...] a segunda a tudo quanto é branco do Brasil [...] a terceira á igualdade de sangue e de direitos. [...] Um menino R... Irmão de outro bom menino fez muitos elo-

gios ao Rei de Haiti, e porque não o entendiam, falou mais claro: São Domingos, o Grande São Domingos [...] Alerta. Alerta. Acudir enquanto é tempo. Laranjeiras, 26 de junho de 1824. Philioordinio (MOTT, 1988, p. 17).

Naquele mesmo ano, durante a revolta conhecida como Confederação do Equador, o Batalhão dos Pardos, junto à população pobre local, resolveu atacar os comerciantes portugueses da cidade, cantando o seguinte refrão: “Qual eu imito Cristóvão, Este imortal haitiano, Eia, imitai seu povo, O meu povo soberano”, fazendo referências a Henri Cristophe, um dos generais de Toussaint L'Ouverture. Neste episódio, também merece destaque que o comandante do batalhão, depois de escapar de Recife, refugiou-se no Haiti em 1826 (MOREL, 2004, p. 60).

Em 1831, noticiava-se a presença de negros da ilha de São Domingos no Rio de Janeiro. Nesta mesma cidade, algum tempo depois foi denunciada a existência de um haitiano que se chamava Moiro e que, segundo os denunciantes, estava convidando os escravos das vilas do Bananal, Areia, Barra Mansa e São João Marcos para se insurgirem. O plano já contava com cerca de sete mil escravos. O haitiano foi preso, não negou as acusações de que estava chamando os escravos para a insurreição, dizendo, entretanto, tratar-se de uma “brincadeira”. Mesmo com tal argumento, as autoridades provinciais pediram a sua expulsão do país¹⁰.

A situação de instabilidade criada por esses fatos e pela emergência de insurreições escravas no início do século XIX, em partes da América, influenciou os letrados brasileiros e viajantes estrangeiros começaram não só a discutir, como também a escrever e a construir uma série de concepções, principalmente sobre os perigos a que estava submetido o sistema escravista colonial brasileiro e, mais particularmente, sobre as lições a serem aprendidas em decorrência da revolução de São Domingos. A revolução haitiana foi transformada em uma “matriz de sentido”, um *locus* para onde convergiram discursos/representações sobre a escravidão e tudo

que dela derivava. A razão para isto está nas especificidades desse evento: primeiro, por ser a única revolução vitoriosa, em que escravos fizeram parte da linha de frente de todo o processo, o único local fora da África que se constituiu, após a independência, como uma república composta por ex-escravos; pelos supostos extremismos de violência cometidos pelos revolucionários e, por fim, pela extrema pobreza do país após a independência.

Uma das primeiras referências à revolução haitiana no Brasil apareceu na obra do bispo J. J. Cunha Azeredo Coutinho. Nascido na Capitania da Paraíba do Sul (atual Estado do Rio de Janeiro), em 1742, estudou Filosofia e Letras em Coimbra, tornando-se bispo. Tinha experiência no trato com escravos, pois era senhor em Campos dos Goytacases (NEVES, 2000; MARQUESE; PARRON, 2005). É ele que em 1791 (ano em que se inicia a revolução em São Domingos) escreve em Portugal um texto chamado “Memória sobre o preço do açúcar” em que chamava a atenção para a alta do preço do açúcar em toda a Europa, graças à “desgraçada revolução das colônias francesas”, além de intempéries climáticas ocorridas no Caribe. Este texto foi publicado no Brasil no ano de 1794 e acreditamos ser este o primeiro escrito a fazer uma alusão direta aos acontecimentos de São Domingos.

Para ele aquele seria o momento em que Portugal deveria aumentar a produção de açúcar em suas colônias, pois “a revolução inesperada, acontecida nas colônias francesas, é um daqueles impulsos extraordinário com que a Providência faz parar a carreira ordinária das coisas” (COUTINHO, 1966, p. 184), estando agora os plantadores franceses de “mãos atadas” e, antes que “eles principiem nova carreira” (COUTINHO, 1966, p. 184), era urgente que Portugal aumentasse a sua produção de açúcar. Para Azeredo Coutinho, outro fator que poderia ajudar os portugueses era que

[...] havendo qualquer guerra entre aquelas colônias, além das perdas que ela consigo traz, as suas plantações e searas são muitas vezes queimadas e destruídas pela facilidade com que são

atacadas por todas as partes pelas naus inimigas (1966, p. 183).

Não seriam as “naus inimigas” quem destruiria as plantações de cana-de-açúcar, mas provavelmente a ferocidade com que se deu o embate entre negros e franceses. Mesmo assim, Azeredo Coutinho já prenunciava o resultado final da revolução de São Domingos. Em outro texto publicado no Brasil em 1808, denominado “Análise sobre a Justiça do comércio do resgate dos escravos da Costa da África”, Azeredo Coutinho faz referências diretas a São Domingos. Os objetivos do texto foram justificar o tráfico de escravos, a escravidão e criticar os “novos filósofos” franceses que condenavam o tráfico de escravos com a África:

Os novos filósofos, que se dizem os defensores da humanidade oprimida, que de males não tem eles feito sofrer a humanidade? A revolução da França e a carnagem da ilha de São Domingos não bastam ainda para desmascarar estes hipócritas da humanidade? (COUTINHO, 1966, p. 237).

A crítica aos franceses e as suas “idéias perniciosas” eram ainda mais duras na dedicatória feita ao povo brasileiro:

A vós felizes brasileiros, meus amigos, meus bons concidadão [...] a vós todos dedico esta obra filha do meu trabalho, obra por cuja causa eu tendo sido insultado, e perseguido pelos ocultos inimigos da nossa pátria, e pelos desumanos e cruéis agentes ou sectários dos bárbaros Brissot e Robespierre, destes monstros com figura humana, que estabeleceram em regra: pereçam antes as colônias, do que um só princípio, princípio destruidor da ordem social, e cujo ensaio foi o transtorno geral de sua Pátria, e a rica e florescente ilha de São Domingos, abrasada em chamas, nadando em sangue. (COUTINHO, 1966, p. 233).

Um ano depois deste texto de Azeredo Coutinho, aconteceu em Londres a publicação da obra “Narrativa de uma Viagem ao Brasil” (1805), de autoria do viajante inglês Thomas Lindley, que procurava apresentar o país com base em seu diário escrito

entre 1802 e 1803, período em que aqui estivera, principalmente em Porto Seguro e São Salvador. Ele era maçom e, de alguma forma, admirava os resultados da revolução Francesa. Mesmo assim, para ele, a França, em sua fase “de mais completa revolução e igualdade dos cidadãos”, não se equivalia à igualdade de tratamento que se encontrava no Brasil entre pessoas de diferentes raças. Talvez isso explicasse porque “dado o número excepcional” de negros existentes no Brasil e os “últimos acontecimentos de São Domingos”, não se viam grandes perigos de uma insurreição escrava, mesmo já tendo ocorrido a Guerra de Palmares há mais de um século, tendo os escravos se mostrado sempre “alegres e contentes”, o que configurava uma “política acertada” do governo português (LINDLEY, 1969). Para Lindley, o desenvolvimento de São Domingos não estimulou uma coesão política entre escravos e também não influenciou de maneira “negativa” a ordem vigente.

Pouco tempo depois, no ano de 1810, um advogado paulista, Antonio Vellozo de Oliveira, em “Memória sobre os melhoramentos da província de São Paulo” tocava tangencialmente no assunto, chamava a atenção em seu texto para dois aspectos que dificultavam a continuidade da escravidão: por um lado, o Tratado de Comércio firmado com a Inglaterra, que previa a extinção da escravidão e, por outro, os “casos tristes” e recentes ocorridos no Suriname, na Jamaica e em São Domingos, que mereciam uma “particular reflexão”¹¹. Portanto, diferente de Lindley, mostrava-se temeroso

Talvez o principal difusor do conjunto de idéias que depois veio a ser conhecido como “haitianismo” tenha sido João Severiano Maciel da Costa. Ele era brasileiro, marquês de Queluz, governou a Guiana Francesa entre 1810 a 1817, foi membro da Assembléia Constituinte (1823), ministro do Império (1823-4), presidente da Província da Bahia (1825-6) e ministro dos Negócios Estrangeiros e da Fazenda (1827). Com este currículo, salienta

João José Reis, sua “Memória sobre a necessidade de abolir a introdução dos escravos africanos no Brasil” (1821) não deve ter passado despercebida na época (REIS, 2003, p. 289). Nesta obra salientava o perigo que o aumento da escravaria somado ao contágio de idéias estrangeiras, traria para o Brasil:

Se felizes circunstâncias têm até agora afastado de nossas raias a empestada atmosfera que derramou idéias contagiosas de liberdade e quimérica igualdade nas cabeças dos africanos das colônias francesas, que as abrasaram e perderam, estaremos nós intensa e eficazmente preservados? [...] O que parece de difícil remédio é uma insurreição súbita, assoprada por um inimigo estrangeiro e poderoso, estabelecido em nossas fronteiras e com um pendão de liberdade arvorado ante suas linhas (COSTA, 1988, p. 22).

João Severiano Maciel da Costa fazia questão de disseminar o medo de rebeliões escravas, dizendo que Roma teve de “combater dez vezes seus escravos (que ao menos tinham outra civilização e costumes) e venceu; São Domingos sucumbiu” (COSTA, 1988, p. 21). Para ele, apenas “felizes circunstâncias” tinham barrado no Brasil rebeliões como aquela corrida em São Domingos; então era mais que urgente substituir os trabalhadores escravos por trabalhadores livres. E, fazendo questão de reforçar seu argumento, volta a descrever o que tinha acontecido na ilha de São Domingos:

[...] contemple a ilha de São Domingos, primor da cultura cultural, a jóia preciosa das Antilhas, fumando ainda com o sacrifício de vítimas humanas e inocentes... Observe sem lágrimas, se pode, dois tronos levantados sobre os ossos de senhores legítimos para servirem de recompensa aos vingadores de Toussaint L'Ouverture (COSTA, 1988, p. 22).

Em uma nota ao final desta citação, ele se diz indignado que as nações (uma referência à Inglaterra e aos Estados Unidos) que “podiam dar fim a tal escândalo” assim não o faziam, mas

antes até mesmo protegiam “aqueles bárbaros” (COSTA, 1988, p. 55). Percebemos que Severiano da Costa procurava criar um ambiente de medo entre letrados em torno da possibilidade de acontecer no Brasil uma revolução escrava tal qual acontecera em São Domingos, caso o tráfico de escravos continuasse e não se introduzissem novas formas de trabalho.

Este mesmo clima de medo é criado por José Bonifácio de Andrada e Silva, político paulista. O “patriarca da Independência”, na “Representação a Assembléia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil sobre a Escravatura”, encaminhada em 1823, era ainda mais enfático:

Se o mal está feito, não o aumentemos, senhores, multiplicando cada vez mais o número de nossos inimigos domésticos, desses vis escravos que nada têm que perder, antes tudo que esperar de alguma revolução, como a de São Domingos, ouvi, pois, torno a dizer, os gemidos de cara pátria que implora socorro e patrocínio (SILVA, 1988, p. 75).

Ciente do que acontecera em São Domingos, Andrada e Silva lembrava à elite imperial dos perigos que corria caso se mantivesse desunida.

Pelejemos denotadamente a favor da razão e humanidade e a favor de nossos próprios interesses, embora contra vós uive e ronque o egoísmo e a vil cobiça, sua perversa indignação e seus desentoados gritos sejam para nós novos estímulos de triunfo, seguindo a estrada limpa da verdadeira política (SILVA, 1988, p. 75).

Utilizando-se de algumas idéias de José Bonifácio de Andrada e Silva, que cita em seu texto, e seguindo a linha de pensamento defendida também por Severiano da Costa, Frederico Leopoldo Cezar Burlamaque, brasileiro, nascido no Piauí, doutor em Ciências Matemáticas e Naturais e membro do Conselho do Imperador e da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, escreveu, em 1837, para um concurso promovido pela Socieda-

de Defensora da Liberdade e Independência Nacional, o livro “Memória analytica á Cerca do Commercio d’escravos e á Cerca dos Males da escravidão Domestica”, se referia a São Domingos como exemplo do que o crescimento descontrolado dos escravos poderia provocar e, citando Charles Comte, afirmava:

No tempo em que a ilha de São Domingos era possuída por homens de raça européia, a perda de indivíduos possuídos chegava todos os anos a um vigésimo e os acidentes a faziam subir á décima quinta parte [...] São Domingos, diziam, era a rainha das colônias (COMTE apud BURLAMAQUE, 1988, p. 161).

Para ele, o Brasil corria sérios riscos caso a população escrava continuasse a aumentar; propunha, então, que os ex-escravos fossem extraditados para a África, tal qual faziam os ingleses e americanos.

Para Rafael de Bivar Marquese, é preciso ter cuidado na análise do “haitianismo” presente nas obras desses autores; deve-se procurar avaliar se o medo de fato expressava os sentimentos reais ou se fora utilizado como um recurso retórico para convencer as autoridades brasileiras da necessidade de fazer reformas na escravidão (MARQUESE, 2004). Neste sentido, Antonio Penalves Rocha defende que, o antiescravismo europeu da segunda metade do século XVIII, do qual “ilustrados” brasileiros eram dependentes, explorou a tese de que, por estar relegado a condições de misabilidade, para o negro só restava a insurreição. Assim, a idéia de revolta foi usada retoricamente para fazer as autoridades se convencerem da necessidade de reformar a escravidão, única forma de evitar uma rebelião escrava generalizada. Seguindo esta lógica, os “ilustrados” brasileiros (principalmente João Severiano Maciel da Costa e José Bonifácio de Andrada e Silva) se apropriaram dos acontecimentos de São Domingos para propagandear a necessidade de reformar a escravidão (ROCHA, 2000, p. 43-79).

Para justificar esta tese, Penalves Rocha cita um trecho do

livro do abade Raynal “História filosófica e política dos estabelecimentos europeus nas duas índias”, escrito em 1781, em que o abade carrega as tintas sobre os perigos de uma revolta escrava generalizada, tentando mostrar como este medo era anterior à revolução de São Domingos.

[...] só falta aos negros um chefe bastante corajoso para conduzi-los à vingança e à carnificina. Onde está este homem que a natureza deve aos seus filhos vexados, oprimidos, atormentados? Onde está? Ele aparecerá, não duvidemos, e se apresentará carregando o estandarte sagrado da liberdade. Este sinal venerável reunirá em torno dele seus companheiros de infortúnio. Mais impetuosos que as torrentes, deixarão em todos os lugares os traços indelévels dos seus justos ressentimentos. Espanhóis, portugueses, ingleses, franceses, holandeses, todos os seus tiranos se tornarão presas do ferro e das chamas (RAYNAL apud ROCHA, 2000, p. 59).

Embora não discordando do ponto de vista de Penalves Rocha, salientado pela afirmação de Raynal, acreditamos que a realidade era mais complexa do que a prenunciada por este autor. Para ilustrar esta “complexidade”, basta dizer que Toussaint L’Ouverture, principal dirigente da primeira metade da revolução de São Domingos, leu a obra do Abade Raynal (POMER, 1980). Assim, a retórica utilizada pelo religioso poderia ter cumprido uma dupla função: lembrar às elites de uma possível rebelião escrava caso a escravidão não fosse reformada e, por outro, ter incentivado Toussaint L’Ouverture a tomar as rédeas das rebeliões escravas que assolavam a ilha de São Domingos principalmente a partir de 1791.

Outro exemplo da complexidade dessa situação é que não existiam somente imagens negativas sobre a revolução de São Domingos. O baiano Antônio Pereira Rebouças, por exemplo, mulato, então secretário do governo sergipano de Manuel Fernandes da Silveira¹² foi um dos poucos intelectuais que procurou elucidar (a sua maneira é claro) o que ocorrera na ilha de São

Domingos, escrevendo uma biografia, publicada em um jornal, sobre Toussaint L'Ouverture. Embora essa biografia não fosse contemplativa da revolução haitiana, pelo menos mostra que era possível usá-la para advogar contra a discriminação de cor, ainda que o autor da biografia fosse um defensor do direito à propriedade escrava (GRINBERG, 2002).

Outro letrado que fazia referências elogiosas à revolução haitiana era o jornalista Hipólito da Costa, redator e editor do primeiro jornal regular a circular no Brasil, o *Correio Braziliense*, que era editado em Londres. Hipólito escrevia em seu jornal que o “povo do Haiti deseja ser livre e independente. Eles [sic] o serão. Eles não precisam de apoio estrangeiro: as suas mesmas forças protegerão a sua liberdade” (MOREL, 2004, p. 62). Já Cipriano Barata, quando deputado nas cortes de Portugal, em 1822, fez um pronunciamento que, depois se transformou em um texto exaltador da coragem dos “valorosos” habitantes de São Domingos que souberam defender a sua soberania nacional. O redator de jornais e político, Antonio Borges da Fonseca (1808-1872), em 1829, publicou um perfil biográfico de Toussaint L'Ouverture, extremamente elogioso.

Havia também posições dúbias em relação ao Haiti, como podemos perceber na análise da obra “Viagem pitoresca através do Brasil”, escrita pelo viajante alemão Johann Moritz Rugendas em 1835, 14 anos depois de sua viagem ao Brasil, onde empreendeu viagens de reconhecimento pelas cidades de Salvador e Rio de Janeiro. Nos doze anos em que esteve nas Américas, Rugendas também visitou o México, a Argentina, o Peru, a Bolívia e o Chile, tempo em que construiu três mil obras, particularmente gravuras e desenhos diversos.

Ao visitar tantos países ampliou sua visão sobre as colônias. Na sua obra “Viagem Pitoresca ao Brasil” encontram-se referências a outras realidades coloniais, principalmente para ressaltar o suposto atraso em que vivia o Brasil por ainda não ter tomado

medidas efetivas para o fim da escravidão. Como Thomas Lindley, e ciente do que tinha acontecido na ilha de São Domingos, Rugendas se pergunta como tão grande número de escravos poderia ser subordinado por tão pequeno número de senhores, pois “a experiência (referindo-se ao Haiti) demonstrou que, pela força, os negros ganhariam na maioria das colônias” (RUGENDAS, [19--], p. 120). Para ele, a resposta estaria em uma suposta “força moral branca”, ou seja, no poder moral dos senhores, que se sobrepunha aos interesses dos negros. Estes, “como crianças, gozam da feliz faculdade de apreciar os prazeres do momento sem se preocupar com o passado ou com o futuro” (RUGENDAS, [19--], p. 251). e graças, principalmente, à adoção “convicta” dos negros à religião católica, “consoladora dos negros”, não se viam no Brasil paganismos, presença marcante nas colônias inglesas e no Haiti.

Ao que nos parece, o Haiti impressionava Rugendas, pois se ele postulava que os negros seriam inferiores, uma inferioridade “intrínseca e orgânica” em relação aos brancos. Daí serem subordinados. Como então justificar que negros governassem um estado? Ele responde a esta inquietação:

Que existam negros instruídos e civilizados e que se possam citar atos generosos deles, isso nada prova; a existência da República do Haiti não basta para justificar tudo o que foi dito em prol dos negros [...] é evidente que a administração do Haiti não passa, a despeito das formas republicanas, de uma simples imitação da burocracia européia, tal qual nasceu da Revolução Francesa e do governo imperial (RUGENDAS, [19--], p. 20).

Percebemos que Rugendas reconhece a existência de uma república negra nas Américas: o Haiti; ele alude, de forma direta, são os “terríveis acontecimentos da ilha de São Domingos”. Para ele, a razão de um governo negro no Haiti estaria na imitação das instituições ocidentais, particularmente a burocracia européia, nascida na França.

Para Rugendas, o Haiti era símbolo do que poderia ocorrer com a emancipação gradativa dos escravos, pois, tomando como base o destino de pobreza da ilha, ele assinala que “o negro liberto toma sozinho o seu lugar nas classes inferiores da sociedade, o lugar que lhes é assinalado pela sua capacidade e fortuna” (RUGENDAS, [19--], p. 123). Para ele, o destino dos negros seria o da pobreza e o da marginalização, não muito diferente do destino do Haiti.

Entretanto, por mais contraditório que possa parecer, ele também assinala que a emancipação dos escravos foi importante para o Haiti, pois “o aumento da população do Haiti, após horríveis devastações, demonstra as vantagens que teria a Europa com a extinção da escravidão” (RUGENDAS, [19--], p. 124). Percebe-se assim a utilização do Haiti como mais uma peça na defesa do fim da escravidão, visto que Rugendas era abolicionista.

Também presente em Rugendas estava o medo de que a classe senhorial brasileira tivesse o mesmo destino que a de São Domingos, quando brancos e mulatos entraram em conflito, e os negros aproveitaram para se insurgirem. Segundo ele, só uma política “sábia” de união das classes poderia evitar uma “explosão violenta” comum em muitos Estados da América, mas,

[...] se o curso dos acontecimentos, a imprevidência dos partidos ou a imprudência dos governos provocarem um dia uma revolta de escravos, só será possível dominá-la mediante o apoio da população livre de homens de cor e negros. É, por conseguinte, muito importante ligá-los, definitivamente, aos brancos, por um interesse comum (RUGENDAS, [19--], p. 249).

No fim das contas, fica clara a força assumida pela revolução haitiana, enquanto um temor real por parte dos letrados e viajantes de que um evento parecido pudesse ocorrer no Brasil, mas principalmente como instrumento de retórica para propor reformas no sistema escravista, em um momento em que a própria instituição da escravidão estava sofrendo os primeiros

questionamentos. Entretanto o uso do “haitianismo” somente como uma estratégia de defesa de reforma da escravidão talvez não explique todo esse fenômeno, pela recorrência do tema em discursos de época constitui-se um campo aberto de pesquisa tentar apreender como as informações sobre a revolução chegaram até a população negra e também a senhorial do Brasil e quais foram os seus impactos na sociedade escravista.

NOTAS

- 1 Entre 1775 e 1789, nada menos que 95% da população de São Domingos era formada por negros, entre libertos e escravos, esta informação está em Laviña (2005, 58/59).
- 2 É importante destacar que dentre descendentes africanos estava parte significativa das elites de cor que contribuíram significativamente para o êxito da revolução. Para mais detalhes, ver Fick (2004, p. 118-136)
- 3 No topo da pirâmide social estavam os “grandes brancos”, os donos de engenhos e autoridades coloniais, os “pequenos brancos” eram a camada média, eram pequenos produtores de açúcar, café, anil, artesanatos, pequenos comerciantes e funcionários do estado colonial. Também pertencente a esta camada média, mas com um componente racial, os mulatos, que eram proprietários de escravos e de engenhos medianos. Eram chamados de “homens livres de cor”, que mesmo discriminados, compactuavam e colaboravam com a escravidão. Na base da pirâmide social estava a grande parte da população da ilha composta por escravos, a maioria nascida na África. Para maiores informações ver Ferreira (2008) e LUNA, Félix (1987).
- 4 Os estudos mais importantes sobre a revolução haitiana são: C.R.L. James. (2000), Fick (2004) e Dubois (2004).
- 5 João José Reis diz que “Haitianismo se tornou expressão que definiria a influência daquele movimento sobre a ação política de negros e mulatos, escravos e livres nos quatro cantos do continente americano”. Para mais informações ver: Reis (2000, p. 248), Mott (1982, p. 55-63), Gomes e Libâneo (2002) e Gomes (2002).
- 6 Segundo Hebert S. Klein, da “[...] Virginia ao Rio Grande do Sul, leis mais rígidas, uma atitude menos tolerante com os homens de cor e um medo generalizado de revoltas escravas mostraram ser o legado social e político da experiência haitiana” (KLEIN, 1987, p. 107).
- 7 Pra uma discussão sobre as possibilidades de influências da revolução haitiana sobre a população escrava, ver Gomes (1995-96, p. 40-55).
- 8 Outro forte impacto também se deu na economia, São Domingos era responsável por 30% da produção mundial de açúcar, com a revolução as plantações são destruídas, o que vai causar um aumento nos preços do açúcar e conseqüentemente incentivar o aumento das plantações em Cuba, na Jamaica e no Brasil (SCHWARTZ, 1996, p. 373-406).
- 9 Por exemplo, a ajuda dada pelo novo governo Haitiano a Simon Bolívar (GORENDER, 2004, p. 483-512).
- 10 Para maiores detalhes sobre as repercussões da revolução Haitiana, ver Mott (1982) e Gomes; Libaneo (2002).

11 A apreciação sobre a obra de Oliveira se baseou em Azevedo (2004).

12 Ele era acusado de pertencer a uma sociedade secreta, a “Sociedade Gregoriana”, que objetivava instigar a guerra contra os brancos, tornando as gentes de cor os novos donos do poder (MOREL, 2004, p. 60).

REFERÊNCIAS

ALVES, Andreia Firmino. O medo da africanização e da haitianização do Brasil: a segurança social e a experiência haitiana. In: **NetHistória**. Disponível em: <<http://www.nethistoria.com>>. Acesso em: 15 ago. 2005.

AZEVEDO, Celia. Marinho. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites - século XIX**. São Paulo: Annablume, 2004.

BRITO, Eleonora Zicari Costa de. O Haiti era lá, aqui e acolá. Os discursos sobre a escravidão no século XIX. In: ALMEIDA, J. de; CABRERA, O. (Org.). **Caribe: sintonias e dissonâncias**. Goiânia: Centro de Estudos do Caribe no Brasil, 2004.

BURLAMAQUE, Frederico Leopoldo Cesar. Memória analítica acerca do comércio de escravos e acerca dos males da escravidão doméstica. (1837). In: COSTA, João Severiano Maciel et al (Org.). **Memórias sobre a escravidão**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1988. (Publicações Históricas).

C.R.L. James. **Os jacobinos negros**. Toussaint L’Ouverture e a revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo, 2000.

COSTA, João Severiano Maciel da. Memória sobre a necessidade de abolir a introdução dos escravos africanos no Brasil, sobre o modo e condições com que esta abolição se deve fazer e sobre os meios de remediar a falta de braços que ela pode ocasionar (1821). In: _____ (Org.). **Memórias sobre a escravidão**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1988. (Publicações Históricas).

COUTINHO, J. J. da Cunha Azeredo. **Obras econômicas (1794-1804)**. São Paulo: Ed. Nacional, 1966.

DUBOIS, Laurent, **Avengers of the new world: the story of the Haitian Revolution**. Cambridge: Harvard University Press, 2004.

FERREIRA, Roberto Guedes. **Estratégias de mobilidade social em sociedades escravistas: uma análise comparada (Porto Feliz/São Paulo/Brasil e Torbee/São Domingos, Séc. XVIII e XIX)**. 2008. (No prelo).

FICK, Carolyn F. **The making of Haiti: the Saint Domingue revolution from Below**. Knoxville: University of Tennessee Press, 2004.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2001.

GOMES, Flavio; LIBANEO, Carlos Eugenio. Sedições, haitianismos e conexões no Brasil: outras margens do Atlântico negro. **Revista Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n. 63, jul. 2002.

_____. Em torno dos bumerangues: outras histórias de mocambo na Amazônia. **Revista USP**, São Paulo, v. 28, p. 40-55, dez./fev. 1995/1996.

_____. Experiências transatlânticas e significados locais: idéias, temores e narrativas em torno do Brasil escravista. **Tempo**, São Paulo, v. 7, n. 13, jul. 2002.

GORENDER, Jacob. O épico e o trágico na história do Haiti. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 483-512, 2004.

GRINBERG, Keila. **O fiador dos brasileiros**. Cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antonio Pereira Rebouças. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

KLEIN, Hebert. **A escravidão africana na América Latina e Caribe**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LAVIÑA, Javier. De Saint Domingue a Haití. Las revoluciones en la colonia francesa del caribe. **EAVirtual**, Barcelona, n. 3, 2005.

LINDLEY, Thomas. **Narrativa de uma viagem ao Brasil**, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

LUNA, Felix et al. (Org.). Haití: Primera nación independiente de América latina. **Revista Todo es Historia**, Buenos Aires, n. 245, nov.1987.

MARQUESE, Rafael Bivar. **Feitores do corpo, missionários da mente**. Senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

_____; PARRON, T. P. Azeredo Coutinho, Visconde de Araruama e a "Memória sobre o comércio dos escravos" de 1838. **Revista de História**, São Paulo, v. 152, p. 99-126, 2005.

MOREL, Marcos. O Haiti não foi aqui.. **Revista Nossa História**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 11, p. 58-63, set. 2004.

MOTT, Luis. A revolução dos negros do Haiti e o Brasil. In: MOTT, Luis R. B. **Escravidão, homossexualidade e demonologia**. São Paulo: Ícone, 1998.

POMER, León. **América: histórias, delírios e outras magias**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

REIS, João José. “Nós achamos em campo a tratar da liberdade”: a resistência negra no Brasil oitocentista. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). **Viagem incompleta**. A experiência brasileira (1500-2000). 2. ed. São Paulo: Ed. SENAC, 2000.

_____. **Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RETAMAR, Roberto Fernández. **Bicentenário de la independencia de Haiti**: Uma esponja empapada de sangue. (Versión de la conferencia magistral pronunciada em Sala Che Guevara de la Casa de las Américas el viernes 26 de septiembre de 2003) .

ROCHA, Antonio Penalves. Idéias antiescravistas da Ilustração na sociedade escravista brasileira. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 20, n. 39, p. 43 -79, 2000.

RUGENDAS, Johann Moritz. Viagem pitoresca através do Brasil. São Paulo: Círculo do Livro, [19--].

SALGADO, Graça. Introdução. In: COSTA, João Severiano Maciel da et al. **Memórias sobre a escravidão**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1988. (Publicações Históricas).

SANTOS, Estilaque Ferreira dos. “A Revolução Haitiana e suas repercussões”. **Revista de História da Universidade do Espírito Santos**, [Vitória], ano 3, n. 4, 2003.

SCHWARTZ, Stuart B. Cantos e Quilombos numa conspiração de escravos Haussás. Bahia, 1814. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). **Liberdade por um fio: histórias dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, José Bonifácio de Andrade e. Representação à Assembléia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil sobre a escravatura (1825). In: COSTA, J. S. M. et al. (Org.). **Memórias sobre a escravidão**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1988.

NASCIMENTO, Washington Santos

SOARES, Carlos Eugenio. L. e GOMES, Flavio. "Com o Pé sobre um Vulcão": africanos Minas, identidades e a repressão antiafricana no Rio de Janeiro (1830-1840). **Estudos Afro-Asiáticos**, ano 23, n. 2, p. 01-44, 2001.

Recebido em: Março de 2007

Aprovado em: Maio de 2007